ASSOCIAÇÃO DOS DOCENTES DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO
ADUFMAT

JORNAL
ADUFMAT

EDIÇÃO ESPECIAL | ANO 17 | FEVEREIRO DE 2016

EM ENTREVISTA À ADUFMAT-SSIND, CANDIDATOS À REITORIA FALAM SOBRE SUAS PROPOSTAS E PERSPECTIVAS PARA A UFMT

Em outubro deste ano, uma nova gestão deve assumir a administração superior da UFMT. Apesar da escolha do reitor ser do governo federal, por meio de lista tríplice, é tradição que as comunidades acadêmicas sejam consultadas nesse processo. Afinal, ela é a principal interessada nas propostas dos candidatos, pois a chapa eleita conduzirá as ações da universidade nos próximos quatro anos. Mas é importante ressaltar que, historicamente, os governos têm respeitado o resultado apontado pelas urnas das universidades.

Nessa consulta, as entidades representativas da comunidade acadêmica (Associação dos Docentes – Adufmat-Ssind, Sindicato dos Técnicos Administrativos – Sintuf/MT, e Diretório Central dos Estudantes – DCE) assumiram o processo e organizaram o primeiro turno da consulta, a ser realizado no dia 16/03. Caso nenhuma das chapas atinja cinquenta por cento mais um, do total de votos, ocorrerá nova consulta entre as duas mais votadas, em segundo turno, no dia 12/04.

Para auxiliar a comunidade acadêmica a identificar o perfil de cada uma da chapas, a Adufmat-Ssind entrevistou os candidatos, procurando destacar suas propostas e perspectivas para a universidade, principalmente com relação às demandas dos movimentos sociais em busca de uma universidade pública, gratuita, de qualidade e socialmente referenciada.

Pg. 2 – Entrevista com a chapa 1: “Nosso principal foco é ter uma universidade inovadora.”

Pg. 3 – Entrevista com a chapa 2: “Sem negar o passado e com os pés no presente, nós ousamos pensar o futuro.”

Pg. 4 – Entrevista com a chapa 3: “Nós temos um desejo da universidade assumir uma postura mais ativa no processo de desenvolvimento do país.”

Pg. 5 – Entrevista com a chapa 4: “Toda a proposta de gestão da chapa é baseada no diálogo como primeira premissa.”

Pg. 6 - Saiba mais sobre as eleições na UFMT

CHAPA 1 - INOVA UFMT

CANDIDATO A REITOR: PROF. DR. JOÃO CARLOS DE SOUZA MAIA (Departamento de Solos e Engenharia Rural – Campus de Cuiabá)
Formação: Graduado em Agronomia, mestre e doutor em Engenharia Agrícola.
Docente da UFMT desde 1979. Na instituição, exerceu funções como gerente da Fazenda Experimental, chefe de departamento, coordenador de curso e diretor da FAMEVZ. Também foi presidente da FAPEMAT, fundador da Secretaria de Estado de Ciência, Tecnologia e Educação Superior, secretário da SECITEC e coordenador de Ciência e Tecnologia de Mato Grosso.

CANDIDATA A VICE-REITORA: PROFA. DRA. MARIA DE SOUZA RODRIGUES (Departamento de Serviço Social – Campus de Cuiabá)
Formação: Graduada em Serviço Social, mestre em Saúde e Ambiente, doutora em Serviço Social.
Docente da UFMT desde 1992. Atualmente é presidente da Comissão Própria de Avaliação da UFMT, e já atuou em espaços sócio ocupacionais como o sistema prisional. Recebeu recentemente, em São Paulo, o título de comendadora na categoria profissional do ano/destaque nacional /mérito social acadêmico.

Por que a decisão de concorrer ao cargo de reitor (a)?

A decisão principal foi a experiência que eu acumulei ao longo desses trinta e poucos anos de serviço público na UFMT, onde ocupei todos os cargos da administração acadêmica. Então, o grupo que me apoia achou por bem que nós pudéssemos discutir uma proposta para a universidade do futuro, moderna, proativa, que nós pudéssemos construir políticas públicas para o desenvolvimento e a qualidade de vida da nossa sociedade. Baseado nessas experiências, tanto dentro da universidade quanto fora, como secretário de estado de Ciência e Tecnologia, representante do governo junto ao Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação, e como presidente da Fundação de Amparo à Pesquisa, eu me considerei apto a estar aqui nesse momento, colocando meu nome à disposição da comunidade para trabalhar por uma universidade que nós queremos, que seja reconhecida pela sociedade mato-grossense.

Dos quatro candidatos à Reitoria, três fazem parte da atual gestão. O que motivou o lançamento diferenciado das candidaturas? Quais as principais diferenças entre os grupos?

Na verdade nós temos três candidaturas da atual gestão, mas que são diferentes, ao meu modo de ver, politicamente. Eu faço parte da administração, mas faço parte de um grupo político diferente da atual gestão. Acredito que a gente precisa ter um comprometimento institucional voltado para as questões internas da universidade. Nós precisamos defender os interesses da comunidade acadêmica da UFMT. E esse é o grande projeto que a gente traz. Nós precisamos formar pessoas de qualidade para colocá-las no mercado, e com esse grande objetivo, nós gostaríamos que a universidade fosse reconhecida pelo trabalho de qualidade que ela vai prestar. Por isso, dentre técnicos e docentes, nós precisamos nos qualificar de tal forma que a gente possa colocar a universidade à ponta da relevância, do protagonismo do desenvolvimento regional.

Qual a principal plataforma de campanha da Chapa 1?

Nossa principal plataforma de campanha é ter uma universidade reconhecida pela sociedade e pela comunidade acadêmica como inovadora e protagonista do desenvolvimento, tanto do estado de Mato Grosso, quanto da região. Nós precisamos inovar. A nossa plataforma é tentar mostrar para a sociedade que nós temos competência suficiente para inovar nos nossos processos. Nós temos que ter uma universidade proativa, moderna. Estamos no século XXI, no qual as tecnologias têm que servir de base para o andamento dos processos e dos produtos que nós temos na UFMT. Então, o principal foco mesmo é ter uma universidade inovadora. É usar do nosso conhecimento para benefício da nossa academia.

Qual a posição da chapa sobre investimento privado nas universidades públicas?
A universidade tem que ser voltada para os interesses da sociedade. Na sociedade nós temos organizações não governamentais, organizações públicas e também organizações privadas. Muitas organizações privadas têm interesse, assim como na maioria das universidades do mundo inteiro, em financiar projetos que seja de interesse da iniciativa privada e que seja de interesse da universidade. Eu sou um alto defensor da universidade pública. Eu sou um alto defensor de que a universidade não deva se vender por recursos privados, mas eu sou um alto defensor de que nós precisamos cooperar com a iniciativa privada para o desenvolvimento do estado, para o desenvolvimento da região.

Quais são as considerações da chapa sobre as reivindicações docentes relacionadas à democracia interna na UFMT?

Eu sou extremamente favorável à questão da democracia interna. Inclusive, você pode verificar no nosso programa de campanha que nós estamos trabalhando fortemente para a democratização dos processos políticos dentro da instituição. Nós não aceitamos hoje, no século XXI, estarmos aliados a práticas nefastas de pressões, de coações no meio universitário. A UFMT é uma universidade pública, tem que ser referência. É um local onde nós devemos ter todo o espaço necessário para as discussões ideológicas. Então, nós entendemos isso na UFMT, e que esse espaço democrático seja respeitado por todos nós. Hoje a gente tem esse problema. A gente percebe que muitos setores não têm colocado esse espaço à disposição. Não há uma democracia, que tanto lutamos por ela, instalada dentro da UFMT, em vários setores. Então, nós precisamos mudar isso.

Quais as considerações da chapa sobre as reivindicações de valorização do trabalho docente e melhoria das condições de trabalho?

Na nossa plataforma, o terceiro eixo é exatamente a valorização da UFMT. Não só a valorização do docente, mas do técnico administrativo, e também do nosso estudante, porque a razão de ser da universidade é a qualidade de ensino, da formação dos nossos estudantes. São propostas claras e definidas. Como você valoriza o docente? Muitas vezes você não precisa de dinheiro para fazer a valorização, basta você ter um bom ambiente de trabalho, condições adequadas para que esse professor possa produzir cientificamente, tecnicamente. Hoje, o professor tem certa dificuldade em tirar esse monte de atividades que estão sobrecarregando-o, para pensar a universidade, pensar sua disciplina, pensar um método mais avançado de ensino. Nós temos que valorizar o trabalho docente, e não só o trabalho docente, mas também o trabalho técnico administrativo e o trabalho do estudante, criando ambiências próprias, onde a gente possa ter espaço para debater as questões da sociedade, que estão aí no dia a dia e nós não estamos tendo esse espaço para auxiliar a sociedade.

Quais as principais propostas da chapa para os campi da UFMT no interior do estado?

Hoje nós temos um grande problema de relação entre Cuiabá e os demais campi. Nós precisamos, definitivamente, aproximar, ou seja, quebrar essa distância existente, colocando os campi, junto conosco, numa administração democrática, em que usemos a transparência como principal fator das nossas divisões. Os nossos recursos são poucos, são finitos aqui dentro no nosso espaço, anualmente. Mas nós precisamos correr atrás de outros recursos, negociações, cooperações, para que nós possamos ter uma universidade voltada para os interesses não só aqui de Cuiabá, mas de Barra do Garças, Rondonópolis, Sinop, Várzea Grande. Esses campus têm que ter uma relação próxima conosco, têm que ter a participação, ou seja, nós temos que considerar que eles serão importantes nas decisões. Principalmente nas decisões das suas unidades. Por isso eu estou propondo uma eleição direta pra todos os campi, onde a gente possa eleger os seus conselhos e seus pró-reitores acadêmicos, para que dentro de uma administração operacional a gente possa ter a minimização dos principais problemas existentes. Mas a nossa principal condição é que os campus do

interior se aproximem da administração superior e fiquem juntos. Então, nós vamos fazer isso como metodologia de trabalho. Que a gente possa estar lá constantemente, nossos pró-reitores de Cuiabá deverão estar com todos os administradores, tanto diretores, quanto pró-reitores dos campus. Nós temos um grande compromisso com o interior.

O que a chapa acha da possibilidade de contratação de professor via Organizações Sociais (OS)?

O principal mote da nossa campanha e também a nossa defesa é de que os professores precisam ser contratados, pela lei, por concurso público. Essa é a nossa defesa. Nós temos hoje uma instituição que quer ser do futuro, quer ser de qualidade. Houve uma luta do Movimento Docente muito grande, muito forte, para que a gente pudesse ter uma lei que garantisse o direito à contratação de novos professores via concurso. Isso é um movimento cujo principal foco é a transparência, e isso foi muito importante para nós. Nós estamos avançando nisso. Então, quer dizer, o nosso trabalho é de fortalecimento dessa condição, onde o nosso professor venha a ser contratado através de concurso público.

Qual a posição da chapa com relação ao PL 395/14, que autoriza a cobrança de projetos de extensão, cursos de pós-graduação *latu senso* e mestrado profissional?

A universidade é pública. Os recursos que nós temos são públicos. A sociedade já nos paga. Nós precisamos captar outros tipos de recursos para bancar os nossos cursos de extensão. Agora, você falar que vai cobrar cursos de extensão ou cursos de pós-graduação dentro da universidade é ir contra todo o aparato que a comunidade docente e de técnicos lutou pela vida inteira. A chapa é favorável aos cursos que estão trabalhando sobre o formato público, ou seja, principalmente os cursos de extensão, grátis. Agora, tem alguns cursos que têm focos específicos, interesses específicos. Esse nós temos que negociar num processo de cooperação.

Quais as principais propostas da chapa para a assistência estudantil?

Qual seria o principal compromisso da chapa com os estudantes? É oferecer-lhes ensino de qualidade. Esse é o principal compromisso. Os estudantes vieram para cá, fizeram todo um trabalho de seleção para entrar na universidade, e a universidade precisa ter o compromisso de colocá-los em um ensino de qualidade. Queremos dizer aos estudantes que, todas as conquistas estudantis serão mantidas. Se nós não pudermos melhorá-las de imediato, elas serão mantidas. Conquistas a gente não perde, a gente amplia. É esse o compromisso que nós temos com os estudantes. Fazer com que nós ofereçamos ensino de qualidade a eles, que tudo o que foi conquistado por eles, seja mantido, e o que a gente puder melhorar, a gente vai melhorar, nas condições que os estudantes exigirem.

**Entrevista concedida pelo professor João Maia*

CHAPA 2 - UFMT MAIS 50

CANDIDATO A REITOR: PROF. DR. PAULO TEIXEIRA (Departamento de Química - Campus de Cuiabá)
Formação: PhD em Química
Professor titular da UFMT, exerceu funções como coordenador de Pós-graduação, pró-reitor de Pesquisa, e secretário de Relações Internacionais da instituição.

CANDIDATO A VICE-REITOR: PROF. DR. SÉRGIO ALLEMAND (Departamento de Saúde Coletiva – Campus de Cuiabá)
Formação: Graduado em Medicina e Arquitetura, é mestre em Saúde Pública e doutor em Urbanismo.
Exerceu funções como chefe de Departamento, diretor do Instituto de Saúde Coletiva, diretor da Fundação Uniselva e secretário de Relações Internacionais da UFMT.

Por que a decisão de concorrer ao cargo de reitor (a)?

Dirigir uma instituição com a complexidade da UFMT, que é multicampi, tem 23 mil alunos, em torno de 1.850 docentes, 1.700 técnicos administrativos, e um público bastante diversificado hoje, diversidade cultural, étnico racial, sexual, é um desafio muito grande. Pra encarar esse desafio, é importante que os candidatos tenham vivido a academia intensamente, em tudo o que ela oferece. Nesse sentido, nos quase 25 anos em que nós estamos aqui, vivenciamos intensamente o ensino, a pesquisa, a extensão e a administração. Então, são anos de experiência no tripé que sustenta a universidade, e na administração. Muito importante, também, o trânsito internacional, que nós temos pelo fato de ocuparmos o cargo de secretário de Relações Internacionais. Ocupamos esse cargo pela vivência anterior, pois nosso doutorado foi feito no exterior. Dirigimos um centro de pesquisa da Universidade das Nações Unidas por 8 anos, sediado em Tóquio. Temos essa bagagem e mais, a capacidade de articulação para buscar recursos para a universidade. Foram mais de R$ 70 milhões em projetos de pesquisa, mais o COT e o próprio INPP. São articulações importantes neste momento de grave crise. Por último, mas não menos importante, é proposta que nós temos. Estamos com 45 anos de história e é por isso que a UFMT é o que é hoje. Mas sem negar o passado e com os pés no presente, nós ousamos pensar o futuro. Temos diversas propostas ousadas para que a universidade dê o salto que ela precisa para entrar na constelação das melhores instituições públicas do Brasil.

Dos quatro candidatos à Reitoria, três fazem parte da atual gestão. O que motivou o lançamento diferenciado das candidaturas? Quais as principais diferenças entre os grupos?

Há mais diferenças do que semelhanças. O fato dos três estarem ligados diretamente à atual administração, e do quarto candidato tê-la apoiado na eleição e na reeleição, coloca um fato interessante, que é a ausência da oposição. O que diferencia cada um de nós como candidatos é o passado aqui na instituição. O currículo, que é muito importante que seja analisado. As quatro chapas são compostas por professores que estão habilitados para serem reitores ou vice-reitores, mas quem diz quem é o candidato é o que está no currículo dele, e não o discurso. O que nos diferencia são as realizações que cada um de nós teve na sua carreira, a experiência aqui dentro e, sobretudo, a maneira de pensar a universidade. Acreditamos que a nossa chapa se destaca pela competência, experiência no tripé ensino, pesquisa e extensão, e principalmente a experiência administrativa, a capacidade de articulação interna e externa.

Qual a principal plataforma de campanha da chapa 2?

Nossa plataforma parte da constatação de que nós tivemos um forte período de expansão nos últimos 15 anos, e que provavelmente, em função da crise, não vai continuar se dando da mesma forma. Ela oportunizou a entrada de camadas da população que antes eram excluídas da universidade, porque o critério de seleção era sócio econômico. Nós temos hoje uma diversidade muito maior na universidade, e estamos num período de investirmos em políticas de permanência para melhorar nossa taxa de sucesso, que está em torno de 35%. De cada 100 ingressos, estão saindo 35 profissionais. Precisamos melhorar isso através das políticas de permanência, de envolvimento dos estudantes em programas de iniciação científica, em programas de tutoria, de monitoria, na cultura, no esporte. Nosso propósito principal é propor políticas para a melhoria da qualidade da nossa instituição. A melhoria da qualidade é a nossa principal plataforma. Ela se dá em alguns eixos: primeiramente, buscando investir na qualificação do nosso corpo docente e técnico administrativo. Nós temos apenas 66% de doutores na universidade. Vamos tentar avançar nesse quesito. Mas só isso não resolve o problema. Precisamos melhorar as condições de sala de aula, de laboratório, investir em novas tecnologias de informação para melhorar também as nossas aulas. Criar um sistema de acompanhamento de egressos. Isso é importante para que a gente meça a relevância do nosso ensino, e aumente a nossa interlocução com a sociedade. A nossa proposta prevê a participação dos movimentos sociais e de entidades de classe nos nossos conselhos, Consuni, Consepe. Isso vai ser importante, porque junto ao acompanhamento de egressos, vai nos dar o feedback do que estamos oferecendo para a sociedade. A internacionalização é outra estratégia importante para a melhoria da qualidade do ensino, da pesquisa e da extensão. Nosso foco tem sido excessivamente no ensino e nós precisamos focar mais na aprendizagem. Não existe um sem o outro, mas quando aumentamos o foco na aprendizagem, estamos dando maior protagonismo aos estudantes. Queremos radicalizar na transparência e nos processos participativos, ainda que tenham melhorado muito nos últimos anos na universidade. Queremos avançar na implantação da ouvidoria, que já foi implantada uma época e depois desativada, e também de um processo de orçamento participativo, com a criação de critérios objetivos para distribuição de vagas, com autonomia cada vez maior dos campus do interior. Somos parceiros nas lutas dos campi do interior. Àqueles que quiserem buscar autonomia, nós estamos juntos nesse processo. Temos o compromisso de implantar um processo participativo de escolha de pró-reitores no interior... enfim, tem bastante coisa.

Qual a posição da chapa 2 sobre investimento privado nas universidades públicas?

Eu não tenho nada contra tornar público o recurso privado. Eu tenho contra tornar privado o recurso público. Logicamente, esse é um processo que tem que ser feito com certo cuidado, para a gente evitar que a universidade perca a sua função social. Nós não podemos ficar exclusivamente a serviço de empresas. Muito pelo contrário. Nós somos servidores públicos e não podemos perder isso de mente. Hoje, nosso orçamento é 99% tesouro nacional, 1% renda própria. Há 15 anos, quando houve a proposta de criação da Fundação Uniselva, nós tivemos um grande debate, porque a criação da fundação ia desvirtuar o caráter público da universidade. Eu, sinceramente, não vejo dessa forma. Eu acho que, com a fundação, nós tivemos a oportunidade de captar uma série de recursos não só privados, FINEP, recursos governamentais, que se não tivesse a Fundação não poderiam ser captados. Um dos planos da chapa 2 é aumentar a nossa renda própria. Eu gostaria muito que nós tivéssemos os R$ 750 milhões que o governo nos dá, e mais R$ 750 milhões de renda própria. Não ia fazer nenhum mal para a universidade, sem, com isso, desvirtuar o nosso papel social.

Quais são as considerações da chapa sobre as reivindicações docentes relacionadas à democracia interna na UFMT?

Aprimorá-la, ampliando a participação nos nossos conselhos, colocando a sociedade aqui dentro. Devemos aprimorar sempre a participação da comunidade nas nossas decisões. A ouvidoria nos auxilia nisso também. Precisamos rever nossos marcos regulatórios, para que a universidade se abra cada vez mais. Sao reivindicações legítimas.

Quais as considerações da chapa sobre as reivindicações de valorização do trabalho docente e melhoria das condições de trabalho?

Um dos grandes problemas do ensino no Brasil é a desvalorização da carreira docente. Começa até pela falta de status que nós temos na sociedade. E termina pelo baixo investimento que nós temos na educação, em todos os níveis. O que a gente vê é entrar governo e sair governo, e toda crise que aparece, a educação e a ciência e tecnologia são os primeiros setores a sofrer cortes. Nós temos que lutar por essa valorização. Nós tínhamos, no PNE, a promessa dos recursos do pré-sal. Infelizmente, parece que isso é um castelo de areia. A gente vê a queda nos preços do petróleo. Os compromissos dos países da COP 21, que se forem levados a contento, em 20 anos nós não vamos mais ter carros movidos a combustível. Isso é bom, mas era a galinha dos ovos de ouro do PNE. Então, nós temos que intensificar as nossas lutas pela valorização docente.

Quais as principais propostas da chapa para os campi da UFMT no interior do estado?

Primeiro: a possibilidade de escolha do pró-reitor do interior por um processo participativo. Segundo: a implantação de critérios objetivos para locação de vagas docentes e técnicos administrativos. Outro ponto importante é descentralizar uma série de serviços. Modernizar o nosso protocolo. Isso vale para a capital e para o interior. Temos, por exemplo, a CASS. A perícia médica. Se a pessoa quebra uma perna, precisa de um afastamento e mora em

Barra do Garças, ela precisa vir aqui. Então, nossa proposta é descentralizar esses serviços para os campi do interior, e apoiar os campi que tenham interesse em se emancipar, desde que apresentem as condições para isso. E aqueles que não têm ainda, a gente também vai apoiar. Nós acreditamos que o fato do estado ter várias universidades públicas só dá mais força para as universidades. É melhor você ter 5, 6 reitores em Brasília brigando pelo ensino público em Mato Grosso, do que um só.

O que a chapa acha da possibilidade de contratação de professor via Organizações Sociais (OS)?

É complicado, pois isso pode nos levar à terceirização da universidade, no processo que já começou há mais de 20 anos, na década de 90. Se nós contratarmos docentes pelas Organizações Sociais, nós estamos dando um tiro no pé. Eu sou contra.

Qual a posição da chapa com relação ao PL 395/14, que autoriza a cobrança de projetos de extensão, cursos de pós-graduação *latu senso* e mestrado profissional?

Eu sou a favor. É hipocrisia dizer que é contra, porque nós já cobramos isso há muito tempo na universidade. A intenção agora é acabar com a insegurança jurídica. Até os anos 90, a CAPES bancava os cursos de especialização. Quando a CAPES parou de pagar, nós começamos a cobrar. Com relação ao mestrado profissionalizante eu tenho uma ressalva. O mestrado profissional geralmente é feito por encomenda de empresas. Quando a empresa tem um certo problema, ela vem até nós, para a universidade resolver, junto aos seus funcionários, através de um mestrado profissional. É justo que ela pague. Agora, se for para formação de professores, para formação de agentes de saúde, eu sou contra. Então eu concordo, com ressalvas. Acho que não pode generalizar. Quanto à especialização, pós-graduação *latu senso*, são cobradas desde a década de 80. É o que viabiliza essa atividade.

Quais as principais propostas da chapa para a assistência estudantil?

Segundo dados do Fonaprace, o governo investe hoje R$ 1 bi na assistência estudantil. O Fonaprace, que é o Fórum de Pró-Reitores de Assistência Estudantil, prevê que a demanda hoje seja de R$ 2,5 bi. Então a nossa proposta é atuar junto aos fóruns competentes na busca desses recursos, junto ao Congresso, ao MEC, ao governo, para que essa expansão se dê e nós atinjamos os R$ 2,5 bi. Aqui dentro, nós precisamos investir na moradia estudantil. Temos hoje em torno de 18 tipos de bolsas de auxílio para estudantes, inclusive auxílio moradia. Ele é importante, porque enquanto nós não temos moradia estudantil, segura a onda dos estudantes. Mas como todo auxílio, hoje tem, amanhã pode não ter. Então nós temos que investir na ampliação de vagas na casa do estudante. No caso do Restaurante Universitário, a nossa política é mantê-lo no custo mais baixo possível, e aquele estudante que não pode pagar, não pague nada. Nós também entendemos que as políticas de vivência estudantil, como o esporte, a cultura, a participação dos estudantes em projetos de extensão, de iniciação científica, em vários projetos que a universidade oferece também são importantes, pois ao mesmo tempo que você dá uma bolsa para o estudante, você garante a permanência dele. Também pretendemos aperfeiçoar as políticas de permanência, como tutoria e monitoria, porque assistência estudantil por si só não basta.

**Entrevista concedida pelos dois candidatos da chapa*

CHAPA 3 - UNIVERSIDADE PROATIVA

CANDIDATO A REITOR: PROF. DR. SÉRGIO DE PAULO (Departamento de Física – Campus Cuiabá)
Formação: Doutor em Física Nuclear e pós-doutor em Sistema Complexos.
Em sua trajetória na UFMT, foi coordenador de pesquisa do ICET, chefe de departamento, coordenador de curso e diretor do Instituto de Física.

CANDIDATA A VICE-REITORA: PROFA. DRA. MARTA CRISTINA NOGUEIRA (Departamento de Arquitetura – Campus Cuiabá)
Formação: Doutora em Engenharia de Estruturas.
Exerceu funções na UFMT como chefe de departamento, diretora regional do IBRAMEM, diretora da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, coordenadora operacional do Doutorado Interinstitucional UFMT-UNEMAT-UFRJ e coordenadora de 25 projetos de pesquisa.

Por que a decisão de concorrer ao cargo de reitor (a)?

Eu sou professor da universidade há 23 anos. Tive a oportunidade, nesse período, de estar em vários cargos eletivos, coordenação de curso, chefe de departamento, coordenador de pesquisa. Nesse período, eu convivi de maneira muito próxima com os problemas da universidade. A gente observa que há diversos problemas que hoje são críticos dentro da universidade. São problemas que permanecem de longa data, causando certo desconforto nos docentes, técnicos e alunos; e que nós visualizamos soluções simples. O longo tempo em que não se deu uma solução, talvez tenha sido um dos principais pontos que me levaram a essa candidatura.

Dos quatro candidatos à Reitoria, três fazem parte da atual gestão. A informação que nós temos é que a sua candidatura não seria exatamente de oposição, porque houve apoio da sua parte à administração atual. Quais seriam as principais diferenças entre os grupos de candidatos à Reitoria nessa eleição?

Nossa chapa é uma chapa de oposição. Nós apoiamos a atual gestão no passado, mas nós colocamos para a administração uma série de ações que teriam que ser feitas para reorientar os caminhos da universidade para o caminho que nós acreditamos que seja o melhor. E nós não fomos ouvidos. Quer dizer, a administração superior nos recebeu, nós colocamos o nosso ponto de vista, mas não houve nenhuma resposta nesse sentido e nem justificativa do por que aquilo que nós estávamos pleiteando não foi feito. Então, nesse sentido, a única posição que nos restou foi colocar o nosso nome como uma alternativa e nós estamos nos colocando como uma forte oposição a atual gestão, porque nós temos certeza de que tem ações que tinham de ser feitas, e não foram. Então, é uma oposição responsável, uma oposição consciente. Nós temos muita perspectiva para a universidade. Diferente dessa que está sendo colocada, estamos pleiteando uma universidade muito mais proativa e uma administração que seja menos conivente com decisões que vêm de fora, de caráter partidário. Nós achamos que esse caminho é muito perigoso para a universidade, um caminho que tira muito a autonomia da universidade. Não concordamos com isso. Estamos com uma posição muito forte de oposição mesmo. Agora, o que nos causa estranheza, aquilo que nós não compreendemos, é a posição dos demais candidatos que ainda fazem parte da administração superior da universidade e se colocam como alternativa. Nós achamos que isso é uma postura incoerente. Se eles tinham uma visão diferenciada de gestão da universidade, eles deveriam ter saído dos cargos e se colocado há mais tempo. Nós nos colocamos há quatro anos. Fomos levar a nossa contribuição há quatro anos para a atual administração, daquilo que nós acreditamos que é o correto para a universidade. Não fomos atendidos. Então, assim, existe um tempo longo em que nós temos uma perspectiva diferente para a universidade. Não aceitamos essa colocação de que nós não somos uma oposição verdadeira. Embora nós não tenhamos alardeado isso, desde muito tempo, temos outras aspirações para a universidade.

Qual a principal plataforma de campanha da chapa 3?

Nossa linha central é justamente a universidade proativa; é o nome da chapa. O que quer dizer isso? Que temos uma perspectiva, um desejo da universidade assumir uma postura mais ativa no processo de desenvolvimento do país. A UFMT, principalmente, nos últimos 16 anos, que é o período que o grupo atual está na administração superior, se fechou para a sociedade. E uma característica fundamental não só da UFMT, mas de todas as universidades federais, é que elas deixaram de ser partícipes do processo de desenvolvimento do país. Ou seja, os partidos políticos que ditam os caminhos que o país está seguindo não ouvem a universidade, e as pessoas que detém o conhecimento são as comunidades universitárias. São aquelas pessoas que têm mais informação, mais esclarecimento, mais conhecimento, mais ciência. Então, deveríamos ter um papel muito mais ativo no desenvolvimento do país, e não temos, justamente porque não assumimos essa oportunidade e porque a universidade tem uma postura muito respondente. Nós respondemos às demandas externas, aos editais externos e, no caso da UFMT, especificamente, as determinações partidárias são muito fortes.

Qual a posição da chapa 3 sobre investimento privado nas universidades públicas?

A garantia do financiamento do ensino superior, pela constituição brasileira, é um dever do Estado. Ou seja, existe uma vinculação forte, uma responsabilidade do governo federal em manter as universidades federais. Nós não abrimos mão dessa garantia. Contudo, o montante de recursos que são destinados às universidades, desde muito tempo, não são suficientes para termos universidades mais fortes e partícipes do desenvolvimento. E nunca vai ser. Na verdade, se você fizer uma linha histórica, vai ver que em diversos pontos está havendo uma espécie de estrangulamento dos financiamentos. Por exemplo: os nossos laboratórios de ensino. Diante dessa perspectiva, não existe nenhuma outra alternativa para as universidades senão buscar fontes adicionais de recursos. Não é uma opção você se aproximar mais do setor produtivo visando aquisição de recursos, é uma obrigação. Não há outra saída para as universidades.

Quais são as considerações da chapa sobre as reivindicações docentes relacionadas à democracia interna na UFMT?

Dentro da nossa proposta, temos a disposição de estar revendo o Estatuto e o Regimento Interno da universidade. E dentro desse processo, que tem que ser de assembleia permanente, pretendemos rediscutir toda a questão da representatividade dos vários segmentos da universidade, do peso das diversas vozes dentro da universidade, na determinação dos próprios rumos da universidade. Queremos, de fato, uma representatividade maior das pessoas, incluindo os docentes, e participação mais efetiva no que diz respeito aos rumos que a universidade vai tomar daqui para frente. Acho que a gente tem que trabalhar muito nesse sentido.

Quais as considerações da chapa sobre as reivindicações de valorização do trabalho docente e melhoria das condições de trabalho?

Temos muito que evoluir ainda em questões meramente salariais. Se realmente a educação é aquilo que faz o país se desenvolver e melhorar a qualidade de vida das pessoas, a federal, principalmente, isso tem que ser assumido. Se o governo diz que tem a educação como prioridade, se o Brasil é "a pátria educadora", tem que ser vista a questão da valorização dos profissionais da área da educação não só de nível superior, mas também de nível médio e fundamental, e a melhoria do salário é uma coisa fundamental. Sem melhorar o salário dos professores, e lógico, você tem os técnicos também no âmbito das universidades federais, nós não vamos desenvolver o país e não vamos melhorar a qualidade de vida das pessoas.

Quais as principais propostas da chapa para os campi da UFMT no interior do estado?

Os campi do interior estão muito isolados. E esse é um isolamento geral das unidades da UFMT. Quer dizer, as unidades que não são do interior também estão isoladas da administração superior, e estão isoladas entre si. Existe muito pouco intercambio entre as diversas unidades e a administração superior parece fechada; ela não está junto com as unidades e, com isso, tem uma ideia muito pecaria de como são os problemas, as raízes dos problemas. Então, a gente tem que melhorar muito isso. Ou seja, a gente tem que aproximar os campi do interior, e isso tem que ser feito em diversos pontos, desde a instalação de câmaras setoriais dos órgãos colegiados superiores nos campi do interior, até coisas menores, como facilidades administrativas, a descentralização do protocolo e a informatização dos processos. Não podemos depender tanto de papel, porque vai implicar na questão do transporte desses processos entre os campi. Então, assim, os campi do interior estão abandonados, em nossa visão.

O que a chapa acha da possibilidade de contratação de professor via Organizações Sociais (OS)?

Isso tem uma certa força no país. Há várias pessoas de destaque dentre os professores, a nível nacional, que defendem esse ponto de vista. Mas no momento eu não vejo isso como solução para os nossos problemas. Acho que existem outros caminhos que não esse. E isso encerra também um perigo muito grande, porque junto com isso pode vir uma política de, vamos dizer assim, deterioração das conquistas trabalhistas que os docentes tiveram nos últimos tempos. Então a gente tem que olhar isso com muito critério, com muito cuidado. Eu, particularmente, sou contra.

Qual a posição da chapa com relação ao PL 395/14, que autoriza a cobrança de projetos de extensão, cursos de pós-graduação *latu senso* e mestrado profissional?

A matriz orçamentária da universidade depende do número de alunos, tanto dos cursos de graduação, quando dos cursos de pós-graduação *stricto senso*. Os alunos de pós-graduação *latu senso* não contam para a matriz orçamentária da universidade. Isso quer dizer que o governo federal não paga a universidade por aqueles alunos de cursos de especialização, por exemplo. Então existe uma forte vinculação entre essa proposta de lei e o financiamento das universidades. O grande perigo que mora aí é uma deterioração do volume de recursos que vão para a universidade via governo federal em função de você abrir portas para as universidades cobrarem por esses cursos, principalmente os mestrados profissionais, porque os mestrados profissionais ainda contam para matriz orçamentária da universidade. Existe um risco, com relação a esse projeto de lei, no sentido de isentar o governo de um certo volume de recursos para a universidade. Então a gente tem que ter muito cuidado com isso. Eu acredito que isso não vai favorecer as universidades. Eu não vejo como esse projeto de lei possa beneficiar as universidades.

Quais as principais propostas da chapa 3 para a assistência estudantil?

O programa de assistência estudantil é importante. De fato, temos alunos que dependem dessa ajuda para continuarem nos seus cursos. A nossa proposta vê com muito cuidado a questão da evasão. Precisamos diminuir a evasão dos cursos. Então, é muito importante a manutenção desse programa, mas ele pode ser aperfeiçoado. Para nós, não é muito claro, e acredito que para a comunidade acadêmica também não seja muito claro, o volume de recursos gasto nesse programa e nem os critérios de distribuição dessas bolsas. Queremos deixar claro para a universidade qual é o montante de recursos que nós estamos gastando com isso, assumir isso como uma coisa importante, e também estabelecer critérios de concessão mais claros. Mas eu acho que o programa de assistência estudantil tem que avançar também. Nós temos problemas com moradia estudantil, porque em diversos casos, essa bolsa não é suficiente para manter o aluno aqui. Com o sistema Enem/Sisu, nós temos muitos alunos que vêm de fora, então a gente tem que avançar no processo da moradia estudantil e também da assistência médica, que não temos. Inclusive para técnicos e docentes.

** Entrevista concedida pelo professor Sérgio de Paulo.*

CHAPA 4 - UFMT: DIÁLOGO E AÇÃO

CANDIDATA A REITORA: PROFA. DRA. MYRIAN SERRA (Departamento de Nutrição – Campus Cuiabá)
Formação: Mestre em Ciência da Nutrição e doutora em Alimentos e Nutrição.
Docente da UFMT há 35 anos, exerceu funções como diretora da faculdade de Nutrição, coordenação de Políticas Acadêmicas da PROEG e coordenadora Nacional do Fórum Nacional de Pró-reitores de Assuntos Comunitários e Estudantis (Pronace).

CANDIDATO A VICE-REITOR: PROF. DR. EVANDRO APARECIDO SOARES DA SILVA (Departamento de Engenharia Elétrica – Campus de Cuiabá)
Formação: Mestre e doutor em Engenharia Elétrica.
Em sua trajetória acadêmica, coordenou o curso de Engenharia Eletrônica e participou do curso em Gerenciamento de projetos em Fortaleza (Unifor-CE). Também coordenou programas do setor elétrico e da Lei de Informática na mesma instituição.

Por que a decisão de concorrer ao cargo de reitor (a)?

Primeiramente, essa decisão foi marcada pela minha trajetória como estudante da UFMT. Quando ingressei na instituição, no curso de Nutrição, a vivência acadêmica passou a fazer parte da minha rotina e aos poucos percebi que poderia contribuir mais para a sociedade, na defesa de ideais, de lutas, sonhos e realizações. Em um segundo momento, a realização de ser professora da UFMT. Passei a compreender a universidade como um todo, atuando com pessoas, movimentos sociais, representações de diversas instâncias e segmentos, coordenações de curso, diretores e conselhos. Nessa trajetória, a experiência e os desafios demonstraram que só é possível realizar um projeto de universidade quando as relações são legitimadas pelo diálogo com a participação de todos os segmentos da comunidade universitária e a sociedade de um modo geral. Hoje, a decisão de representar a nossa universidade se consolida com a maturidade de 35 anos de experiência, seja como estudante, professora ou gestora, mas, sobretudo, pela oportunidade e o desejo de poder realizar um projeto em favor da educação superior pública e da UFMT.

Dos quatro candidatos à Reitoria, três fazem parte da atual gestão. O que motivou o lançamento diferenciado das candidaturas? Quais as principais diferenças entre os grupos?

Temos diferenças não apenas nas ideias e ações, mas principalmente na maneira de conduzir os processos como gestores. A chapa 4 e a nossa proposta de gestão está pautada na valorização de estudantes, professores e técnicos em todos os espaços de discussão e definição de políticas e programas institucionais. Toda ação deve ser desenvolvida por meio de diálogo com a comunidade universitária, porque entendemos que é a melhor maneira de construir a nossa autonomia. Outra diferença é nossa defesa pela transparência e igualdade de oportunidades. Pensar e construir políticas e ações de maneira coletiva e em parceria com a sociedade e com outras instituições públicas de ensino superior. Com o fortalecimento de fóruns nacionais, regionais e locais como espaços de ampliação para a participação de todos os segmentos envolvidos no processo. Valorizamos todas as atividades acadêmicas e administrativas, as áreas de conhecimento e suas especificidades. Concebemos a universidade como instituição autônoma e independente na relação com todas as instâncias políticas, esferas do governo, federal, estadual, municipal e setores da sociedade. Entendemos que as relações institucionais devem ter como referência o Plano de Desenvolvimento Institucional e as políticas construídas coletivamente e decididas nas instâncias colegiadas. Defendemos que as representações da UFMT em todos os espaços da sociedade também tenham como orientação esses princípios. Propomos a criação de um Fórum Social para que a sociedade, em todos os seus setores, possa discutir, propor e acompanhar as políticas institucionais, fortalecendo a nossa relação com a sociedade. Essa concepção de autonomia e independência também está presente em nossa campanha, que é totalmente financiada por apoiadores: estudantes, professores e técnicos, aposentados e não aposentados. Outra diferença é o princípio democrático. Defendemos a descentralização acadêmica e administrativa com os campi e unidades universitárias, com a construção coletiva das prioridades e das ações institucionais efetivadas pela transparência nos critérios e definições de distribuição orçamentária. Propomos a prestação de contas do exercício financeiro nos campus ao final de cada ano, para o acompanhamento das ações institucionais. Apoiaremos em todos os campi a escolha de seus dirigentes por meio de uma consulta similar à escolha do reitor, ou seja, com a participação de estudantes, professores e técnicos, em processo organizado pelas entidades de representação local, e com o voto paritário entre os três segmentos. Outra diferença é o perfil da nossa chapa, com candidatos à reitora e vice-reitor abertos ao diálogo e que realizam a gestão junto com a comunidade universitária, nos locais onde as ações são desenvolvidas. Buscamos a valorização das ideias e das soluções construídas coletivamente, em todas as instâncias e espaços institucionais.

Qual a principal plataforma de campanha da chapa 4?

Toda a proposta de gestão da Chapa 4 é baseada no diálogo, como primeira premissa. Toda ação deve ser decidida coletivamente. A plataforma de campanha é construída com base na autonomia da universidade, que deve existir por meio de nossa democracia interna. Cada desafio deve ser superado por soluções construídas de forma coletiva e participativa para que a UFMT tenha significado para cada um de nós e para a sociedade. Propomos uma universidade com qualidade acadêmica e administrativa, pautada na melhoria das condições de trabalho e de desenvolvimento acadêmico da comunidade universitária, com a pesquisa e a extensão como eixos de consolidação para o ensino de graduação e de pós-graduação, valorizando, assim, a política de gestão de pessoas, com formação e capacitação em todos os níveis, de todos os servidores da UFMT.

Qual a posição da chapa sobre investimento privado nas universidades públicas?

Defendemos a universidade pública e o investimento público nas universidades públicas, em todas as atividades de ensino, pesquisa e extensão. O investimento privado deve ser discutido com a coletividade da universidade e será definido com base na autonomia universitária. A parceria universidade sociedade é importante para a contribuição mais efetiva da universidade, com a transformação da realidade social e econômica da população. Por isso, propomos a discussão e a criação de uma política institucional de Ciência, Tecnologia e Inovação, onde todas as questões relacionadas ao investimento privado possam ser apresentadas, discutidas, normatizadas e acompanhadas por um Comitê Gestor. Também propomos a criação de um Fórum Social com representação de todos os setores da sociedade como espaço democrático de diálogo para a proposição de políticas a serem construídas coletivamente com a UFMT.

Quais são as considerações da chapa sobre as reivindicações docentes relacionadas à democracia interna na UFMT?

Esta reivindicação é legitima, uma vez que a democracia interna é o principal instrumento da autonomia da universidade. A nossa defesa por uma universidade plural está pautada na democracia, com gestão descentralizada e respeito às decisões coletivas. Propomos a criação de um Regimento Geral para a UFMT, onde as normas e os critérios para o seu funcionamento possam ser definidos e as instâncias colegiadas fortalecidas. Somos favoráveis à criação e fortalecimento de fóruns enquanto espaços importantes para a participação e o envolvimento de estudantes, professores e técnicos. Apoiamos a criação e a consolidação de conselhos acadêmicos e administrativos nos campi, com a escolha democrática de seus pró-reitores e a gestão orçamentária construída coletivamente, com a prestação de contas anual em cada campus.

Quais as considerações da chapa sobre as reivindicações de valorização do trabalho docente e melhoria das condições de trabalho?

As condições de trabalho dos servidores são fundamentais, e devem ser sempre valorizadas, pois buscamos a qualidade na práxis do tripé indissociável: ensino pesquisa e extensão. A valorização dos servidores só é possível com condições de trabalho adequadas. Assim, a reivindicação é legitima. Propomos o planejamento e o mapeamento de todos os espaços institucionais: salas de aula, salas de estudos, bibliotecas, laboratórios e espaços administrativos com o objetivo de melhorar os ambientes de trabalho e fomentar a utilização em rede dos espaços institucionais. Propomos a revisão da resolução de encargos didáticos com a valorização das atividades de ensino, pesquisa e extensão. Entendemos que o registro dos encargos docentes possam ser realizados anualmente para permitir maior flexibilidade ao trabalho docente. Também defendemos a revisão da resolução de progressão funcional e de avaliação do estágio probatório, no sentido de trabalhar com um sistema eletrônico, integrado com o sistema de gestão acadêmico, e na concepção do direito à progressão e a efetivação ao cargo.

Quais as principais propostas da chapa para os campi da UFMT no interior do estado?

Acreditamos que é necessário fortalecer a UFMT como instituição multicampi, com o reconhecimento das especificidades e demandas de cada região. Entendemos como fundamental estabelecer condições que consolidem os campi em favor de autonomia acadêmica e administrativa, com gestão descentralizada, participativa e transparente. Neste sentido, apoiamos a escolha democrática dos pró-reitores de todos os campi e propomos a presença da administração superior pelo menos uma vez ao semestre, em todos os campi. Para garantir celeridade aos trâmites institucionais de forma democrática, propomos implantar, em Cuiabá, uma Unidade de Apoio Administrativo aos campi, que garanta a representação de um técnico de cada campus. É necessário ampliar as parcerias com outros órgãos públicos federais, inclusive a Previdência Social, para ampliar o

acesso ao serviço de perícias. Propor estudos para um atendimento itinerante e a implantação de uma unidade de articulação da CASS em cada campus; a consolidação da área de Tecnologia da Informação em cada campus da UFMT será estratégica e prioritária em nossa gestão, pois compreendemos a necessidade de melhorias e de integração nas atividades acadêmicas e administrativas. Buscaremos parcerias com o governo do estado, com as prefeituras e com os órgãos responsáveis, para oferta e regularidade dos sistemas de transporte público para os campi da UFMT. Lutaremos pela implantação, com qualidade, do campus de Várzea Grande, fortalecendo as parcerias com o governo do estado e município. Apoiamos a emancipação do campus de Rondonópolis para a criação da Universidade Federal do Cerrado.

O que a chapa acha da possibilidade de contratação de professor via Organizações Sociais (OS)?

Somos contrários. O exercício da docência deve ser realizado por professores efetivos e, nos casos previstos em lei, por professores substitutos.

Qual a posição da chapa com relação ao PL 395/14, que autoriza a cobrança de projetos de extensão, cursos de pós-graduação *latu senso* e mestrado profissional?

Somos contrários. Essa PL, se aprovada, será a primeira iniciativa que institui o pagamento pela outorga de grau de mestrado em uma universidade pública. No caso da especialização, concebemos enquanto ação de formação continuada e, portanto, uma atividade de extensão, que poderá autorizar a cobrança, mediante normas institucionais estabelecidas.

Quais as principais propostas da chapa para a assistência estudantil?

Fortalecer as unidades de supervisões de assistência estudantil em todos os campi. Defender, no Fonaprace e nas instâncias nacionais, o repasse dos recursos do PNAES necessários para ampliar as políticas de assistência estudantil para os estudantes de graduação e pós-graduação em todas as modalidades. Também queremos ampliar os programas de assistência estudantil para estudantes trabalhadores e ingressantes por meio de ações afirmativas, além da política de alimentação para todos os campi e unidades da UFMT. Vamos manter o Restaurante Universitário subsidiado, para os estudantes de graduação e de pós-graduação. Vamos criar um Comitê Gestor de Alimentação em cada campus, para acompanhar o planejamento, a execução e a qualidade das refeições servidas. Apoiar a expansão de moradias estudantis em todos os campi e propor vagas transitórias para apoio a estudantes em atividades de pesquisa, extensão, mobilidade acadêmica e eventos. Queremos criar programas de assistência estudantil para mães e pais universitários com vulnerabilidade socioeconômica. Ampliar o Programa de Apoio Psicossocial por meio de parcerias com as unidades acadêmicas e órgãos públicos do estado e dos municípios onde a UFMT tem campus. Também queremos instituir um programa de combate às opressões (trote, racismo, machismo, LGBTfobia, intolerância religiosa e todas as formas de preconceito e violência), bem como apoio às vítimas em todos os campi. Ampliar também o Conselho de Ações Afirmativas para todos os campi, o Programa de Acolhimento Institucional em parceria com as unidades acadêmicas e administrativas da universidade, além dos canais de comunicação com a comunidade universitária e com escolas da educação básica, sobre pautas de assistência estudantil. Apoiar a realização de Fóruns de assistência estudantil em cada campus.

*Entrevista concedida pela professora Myrian Serra

ATENÇÃO AO CALENDÁRIO DE DEBATES ENTRE OS CANDIDATOS!

A Comissão de Consulta para Reitoria da UFMT divulgou data e horário de cindo debates oficiais entre os candidatos.

O tempo total de cada debate será, em média, de 3 horas, organizadas em quatro blocos: apresentação das candidaturas (40 minutos); perguntas da plateia (80 minutos); debate entre os candidatos (38 minutos); e considerações finais (20 minutos).

Todas as regras serão expostas pelos organizadores do pleito, membros das entidades representativas da universidade: Sindicato dos Trabalhadores Técnicos e Administrativos, Diretório Central dos Estudantes e Associação dos Docentes da UFMT.

Para além da agenda oficial, outros grupos também realizam debates entre os candidatos.

A agenda divulgada pela Comissão de Consulta é a seguinte:

16/02, às 8h30 – Debate no Hospital Júlio Müller ✓

18/02, às 9h – Debate no campus de Sinop ✓

24/02, às 9h – Debate nos campi do Araguaia

03/03, às 9h – Debate no campus de Rondonópolis

08/03, às 9h – Debate no campus de Cuiabá (e Várzea Grande).

ASSOCIAÇÃO DOS DOCENTES DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO
ADUFMAT

Associação dos Docentes da Universidade Federal de Mato Grosso.

Gestão: ADUFMAT PLURAL!
AUTONÔMA, DEMOCRÁTICA E DE LUTA!

DIRETORIA
Presidente: Reginaldo Silva de Araujo
Vice-Presidente: Meire Rose dos Anjos Oliveira
Diretor Secretário: Neudson Johnson Martinho
Diretor Tesoureiro: Euziclei Gonzaga de Almeida
Dir. As. Aposentadoria: Maria Clara Vieira Weiss
Dir. de Imprensa: Evandro Aparecido Soares da Silva (Licenciado temporariamente)
Dir. As. Sócio-Culturais: Eliel Ferreira da Silva

Jornalista Responsável: Luana Soutos (DRT 1676/MT)

Av. Fernando Correa da Costa, S/Nº
Coxipó | Campus UFMT | Cuiabá
Cep. 78.060-900 | Mato Grosso | Brasil

Telefones: (65) 3615-8293 | (65) 4104-0656 | (65) 4104-0548

SAIBA MAIS SOBRE AS ELEIÇÕES:

	Membros Comissão de Consulta	Atribuição
01	Sânia Lúcia Camargos	Titular docente
02	Reginaldo Silva de Araujo	Titular docente
03	Nelcileno Virgilio de Souza Araujo	Titular docente
04	Flavio Ferreira Paes Filho	1º suplente docente
05	Geraldo Lucio Diniz	2º suplente docente
06	Gilson Moraes da Costa	3º suplente docente
07	Adalmar Rosana de Pinho Furtado	Titular técnico administrativo
08	Leia de Souza Oliveira	Titular técnico administrativo
09	Lourenço Barbosa de Oliveira	Titular técnico administrativo
10	Edson Fogaça Marques	1º suplente técnico administrativo
11	Antenor Leocádio de Miranda	2º suplente técnico administrativo
12	Alessandro Victor Soares Sena Andreani	Titular discente
13	Giulia Medeiros	Titular discente
14	Rafael Rossito Carneiro	Titular discente
15	Lucas Augusto Bucoski de Camargo	1º suplente discente
16	Joberth Firmino Gambali	2º suplente discente
17	Weyber Ferreira de Souza	3º suplente discente

CALENDÁRIO DAS ELEIÇÕES

ITENS	DESCRIÇÃO	DATA
01	Publicação de Edital de Convocação da Consulta	04/12/2015 às 13hs
02	Período de registro da Candidatura de Chapas	14 a 18/12/2015 até as 15hs
03	Apresentação de Deferimento e/ou Indeferimento dos Registros das Candidaturas	18/12/2015 as 19hs
04	Prazo máximo para Interposição de Recurso	22/12/2015 Até as 15hs
05	Resultado da análise dos Pedidos de Interposição de Recurso e Publicação das Candidaturas Deferidas	22/12/2015 Até as 19hs
06	Período de campanha do primeiro Turno	23/12/2015 até 15/03/16 até as 22hs
07	Consulta Primeiro Turno	16/03/2016
08	Apuração	16/03/2016
09	Divulgação Preliminar dos Resultados	16/03/2016
10	Divulgação do Resultado Final:	17/03/2016
11	Prazo para Recurso	48hs da data e hora da divulgação do resultado
12	Resultado de apreciação de recurso	Até 48hs da data e hora da divulgação do resultado
13	Campanha Segundo Turno	A partir de 21/03/2016 até as 22hs do dia 11 /04/2016
14	Consulta Segundo Turno	12/04/2016
15	Apuração	12/04/2016
16	Divulgação Preliminar dos Resultados	12/04/2016
17	Divulgação do Resultado Final	13/04/2016
18	Prazo para Recurso	48hs da data e hora da divulgação do resultado
19	Resultado de apreciação de recurso	Até 48hs da data e hora da divulgação do resultado

Acesse o Regulamento da Consulta e demais informações nos canais de comunicação das entidades que formam a comissão:

- www.adufmat.org.br
- www.facebook.com/ADUFMAT-SSIND
- http://www.sintufmt.org.br/
- www.facebook.com/SintufMT
- www.facebook.com/dceufmtcba